

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quamabara

DATA: 13/07/1960 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Notícia sobre a Mostra Brasil - E.U.A.

ASSUNTO: _____

correio da manhã, 13 julho 1960 2.º Caderno

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

ANTONIO PRADO APRESENTADO POR CUEVAS NO MÉXICO

O desenhista, pintor e arquiteto Antonio Prado, há cerca de uns três anos nos Estados Unidos, está expondo na Capital do México, na Galeria Proteo (Gênova, 39, 2.º andar), cerca de 22 pinturas, desenhos e tapetes executados por sua mulher, Gina Prado. A apresentação do artista capixaba, que possui obras no acervo do Museu de Arte Moderna do Rio, é feita pelo desenhista mexicano José Luiz Cuevas, que obteve o prêmio de "Melhor Desenhista Internacional da V Bienal de São Paulo". É curioso ler o que diz Cuevas, que nas muitas vezes em que estivemos juntos, mostrou sempre aversão ao abstrato, apresentando um artista não-figurativo. O estilo é um pouco complicado, mas vejamos:

"Não sou abstrato nem posso sentir dentro de minha obra nenhuma expressão que não seja uma reelaboração da realidade que me envolve. Conservo, entretanto, a maior compreensão para com o mundo plástico do abstrato, que não me toca em meu trabalho criativa. Admito a urgência que para alguns artistas é um desvio do mundo e seus contornos, apesar de que o meu amarra fortemente. Sem tentá-lo, sei apreciar todo o nobre esforço nesse sentido, toda a sua incorporação nesse caminho que nunca tentei. Mas sem tocá-lo sustento que é uma contribuição transcendente desta época do mundo do abstrato."

Por isso me proponho a servir de introdutor em meu próprio meio, geralmente tão hostil a toda esta manifestação desta classe, a um artista como Antonio Prado, que anda nessa via em busca da vida na forma absoluta, na cor por si mesma. Podendo apelar para uma descrição epidérmica de seu mundo de folclore africano e até indígena, este brasileiro, arquiteto e pintor de hierarquia, busca uma linguagem universal com a austeridade de uma gama tão parca que as vezes se detém nesses tons que nutrem a paleta dos desenhistas. Com branco e preto, e outras cores, Prado ordena uma série de relações geométricas e busca não apenas uma universalidade em seu idioma de artista, mas também uma manifesta atemporalidade."

Quando muitos abstratos de hoje jogam com a matéria em busca do acidente sem transcendência, há muitos outros criadores que tratam de impor uma ordem nesse caos. Esse é o caso de Basarely, Herbin e Dewasne, na França, emanados do ensinamento genial de Mondrian. Esse é o caso, para orgulho dos latino-americanos, do venezuelano Alexandro Otero, do colombiano Eduardo Ramirez e agora do brasileiro Antonio Prado. Um caminho certo, positivo e definidor, é este que leva Prado e me parece oportuno que no México ele seja conhecido."

Embora divergindo dos conceitos emitidos por José Luiz Cuevas e reconhecendo a deficiência da sua informação sobre os artistas latino-americanos que trilham o caminho que ele tentou caracterizar (oriundos de Mondrian), reconhecamos a boa vontade e o esforço com que ele apresenta em sua terra um artista brasileiro completamente afastado da sua obra e teorias. Imaginamos o que deve ter custado ao impulsivo e sincero Cuevas escrever um tal prefácio..."

NOTÍCIA SOBRE A MOSTRA BRASILE-U.A.

A exposição conjunta de brasileiros e americanos que está aberta no Ministério da Educação e Cultura (Palácio da Cultura), organizada pelo Instituto Brasil-Estados Unidos e a *Contemporary Arts*, afora "a confraternização efetiva entre dois povos", como lembrou o diplomata Wladimir Murtinho, é de um modo geral de má qualidade, irregular, pouco representativa e não oferece honestamente nenhuma possibilidade de "confronto entre duas sensibilidades". A começar pelo número de obras: 83 americanas contra 54 brasileiras... Não sabemos quais foram os objetivos da ilustre comissão que organizou a mostra, além do confraternizador, como se disse. Não é retrospectiva, embora exista um bom Tobey de 44, ainda figurativo, não é panorâmica nem antológica, não representa nenhuma corrente estética caracterizada, não abrange os vanguardistas, por assim dizer, não representa um grupo de jovens ou menos jovens. E pior, não representa o talento dos verdadeiros valores da pintura americana de hoje (Pollock, Kline, Moterwell, Sam Francis, Rothko, são tantos...) Nem mesmo o veterano Stuart Davis, facilimo de incorporar, veio. É forçoso estranhar o critério da seleção, sobretudo de termos em conta que a pintura americana é já bem conhecida no Brasil, seja através das cinco bienais (onde ela desfilou exaustivamente) seja através das peças do acervo do MAM do Rio. Quanto aos artistas e críticos, nem se fala — conhecem muito bem tudo o que se faz de positivo na grande nação do norte, seja por informação regular e efetiva, seja por mostras vistas na Europa e Estados Unidos. Esta é a segunda exposição coletiva dos EE. UU. que atacamos em benefício dos próprios artistas

e da arte daquele país: a 1.ª foi a infeliz coleção Fleischmann, há uns 5 anos, no próprio Museu de Arte Moderna do Rio, ainda na rua da Imprensa, que conseguiu ser bem pior do que esta, parcialmente envolta em celofane...

A parte brasileira também não prima por um programa, qualidade, ou seleção. O único critério parece ter sido: não expor os mais velhos e realizados como Portinari, Di, Segall, Guignard, Panetti, Goeldi, Abramo, Volpi, etc. É um critério, enfim, embora discutível. E dos menos velhos e realizados, por assim dizer, faltam nomes representativos como Dacosta, Clark, Inimá, Saldanha, Ione Serpa. Os que se apresentam, com exceção de Manabu Mabe, Décio Vieira, Grassmann, Burle Marx, Thereza Nicolau, Zaluar, Lazarini, e mais um ou dois, ou enviaram peças por demais conhecidas ou de qualidade inferior. Fayga enviou duas gravuras bonitas, mas bem velhinhas, de 56, Edith Behring outras já vistas, Rossini com duas cópias da atual mostra da galeria Tenreiro, Ana Letícia com obras antigas, Delamônica diferente em forma e tratamento, muito parecido com Letícia, Aldemir com um daqueles seus nassaros bem conhecidos e um figura melhor, Pedroso d'Horta com outras aves tristes e minuciosas, Antônio Bandeira com duas telas conhecidíssimas e bem pouco representativas do seu talento, Loio Persio com duas imensas telas vistas no Museu, Iberê com os seus já famosos "carreteis", sendo estes os mais feios, Yolanda Mohaly com óleos que aconselham a permanência em "gouache" mesmo, Tanaka com duas pinturas da Bahia, pouco representativas também, Paulo Becker com duas telas também conhecidíssimas, Maria Bonomi com uma composição em vermelho verdadeiramente lamentável por todos os motivos, inclusive pela inteligência da autora, Aloysio Magalhães e as suas constantes. Enfim, não vale a pena prosseguir. É uma exposição de pouco interesse, salvo alguns raros americanos, e as remessas de Mabe, Vieira, Grassmann, Fayga, Zaluar, Burle Marx, Nicolau e o visível progresso de Lazarini. O resto e encontro com um certo número de obras conhecidas de um certo número de artistas brasileiros escolhidos possivelmente pelo maior ou menor grau de amizade ou admiração dos seus conhecidos na comissão selecionadora. Esperemos que na próxima exposição o ativo e dinâmico IBEU seja mais feliz.

JK NO MUSEU DE ARTE SACRA

SALVADOR — Aproveitando um intervalo no seu movimentado programa oficial de visitas que cumpriu nesta capital, no sábado e no domingo, o presidente Juscelino Kubitschek, acompanhado de sua esposa, e filhas, além do ministro da Educação e Cultura, prof. Pedro Paulo Penido, e outros elementos de sua comitiva, visitou a sede do Museu de Arte Sacra. Depois de percorrer várias de suas instalações e verificar de perto o valor das obras de arte ali guardadas o chefe do governo congratulou-se com o prof. Edgard Santos por tal iniciativa. Estêve com o presidente da República e seus acompanhantes durante a visita ao Museu, o seu diretor frei Clemente da Silva Nigra, considerado um dos maiores especialistas em Museologia no Brasil. Falando à imprensa, pouco depois de finda a visita presidencial, o reitor Edgard Santos informou que o presidente Juscelino Kubitschek deixou no livro de impressões sua opinião sobre o que lhe foi dado ver, tendo palavras de carinho para com uma das mais novas instituições da Universidade da Bahia, que se transformou em um dos pontos de maior interesse para quantos a visitam.

NOVA GALERIA

No próximo dia 22, às 17 horas, será inaugurada a nova galeria de arte "Centro-América", localizada na Praia do Russell, 496, apartamento 311, e destinada a apresentar ao público artistas brasileiros, hispano-americanos, espanhóis ou portugueses, que não dispõem de meios para apresentar ao público sua arte. Trata-se de uma iniciativa do embaixador Rafael Barraza Montarrosa, bastante conhecido, nos meios artísticos e intelectuais, como ceramista e pintor. O primeiro artista a ser apresentado é o pintor espanhol Victorio Rodrigues Gomes.